

Ilustração de Talvez isso..., de Marcelo Campos

"Talvez isso..." Filosofia nos quadrinhos de Marcelo Campos



Prof. Dr. Elydio dos Santos Neto
UFPb

RESUMO: Esta pesquisa é parte de uma investigação mais abrangente sobre as histórias em quadrinhos poético-filosóficas no Brasil. Seu objetivo é apontar para possibilidades educativas que surgem quando se coloca este gênero de quadrinhos em relação com as áreas de educação, arte e comunicação. O trabalho ora apresentado delimita-se na relação quadrinhos poético-filosóficos e a disciplina de filosofia, indagando: é possível filosofar lendo histórias em quadrinhos? O objeto de estudo escolhido para responder a esta pergunta é a obra "Talvez Isso...", do quadrinhista Marcelo Campos. O quadro teórico foi construído a partir das contribuições de Saviani e Palacios quanto à filosofia; Groensteen, Eisner, Vergueiro e Andraus quanto às histórias em quadrinhos e também quanto a sua relação com a educação; Magalhães, Franco, Guimarães e Santos Neto, quanto aos quadrinhos poético-filosóficos; Freire, Morin, Grof, Hernández quanto à educação. Parte da compreensão de Saviani, segundo a qual filosofar é refletir partindo de problemas desafiadores da realidade na qual vivemos, buscando caminhos de construção para possíveis respostas ou novas perguntas. Este modo de compreender a filosofia permite afirmar que é sim possível filosofar lendo histórias em quadrinhos. As tiras de Marcelo Campos em "Talvez Isso..." são um exemplo concreto desta afirmação. Nelas o autor apresenta às vezes como denúncia, às vezes como ironia e outras ainda com um leve toque de humor, problemas candentes da existência humana: o medo, a dúvida, o envelhecer, as escolhas que a vida obriga a fazer, o questionamento sobre se estamos num universo que faz sentido, a mente humana, a religião, a liberdade, o condicionamento, a aparência, as diferenças entre as visões de mundo da cada pessoa etc. Ou seja, provoca a reflexão a partir de problemas concretos da existência humana, o que pode contribuir para a construção do currículo escolar de filosofia.

PALAVRAS - CHAVE: quadrinhos poético-filosóficos; filosofia; Marcelo Campos.

ABSTRACT: This research is part of a broader investigation into the stories in a poetic - philosophical comics in Brazil . Your goal is to aim for educational possibilities that arise when you put this comic genre in relation to the areas of education, art and communication. The work presented bounds on the poetic- philosophical comics respect and discipline of philosophy, asking : Can philosophizing reading comics ? The object of study chosen to answer this question is the work of "Maybe This ... ", the comic artist Marcelo Campos. The theoretical framework was built from the contributions of Saviani Palacios as philosophy ; Groensteen , Eisner , and Vergueiro Andraus regarding comics as well as its relationship with education ; Magalhães , Franco, and Santos Guimarães Neto , regarding poetic- philosophical comics ; Freire , Morin , Grof , Hernández regarding education . Saviani part of understanding , according to which philosophy is starting to reflect challenging problems of reality in which we live , seeking ways of building for possible replies or new questions . This way of understanding the philosophy suggests that it is indeed possible to philosophize reading comics. Strips Marcelo Campos on "Maybe This ..." is a concrete example of this statement . In them the author sometimes presents as a complaint , sometimes as irony and still others with a touch of humor , pressing problems of human existence : fear , doubt , growing older , the choices that life requires doing the questioning if we are in a universe that makes sense , the human mind , religion , freedom, fitness , appearance , the differences between the worldviews of each person etc. . It causes reflection from concrete problems of human existence , which can contribute to the construction of the school curriculum in philosophy.

KEYWORDS : poetic-philosophical comics; philosophy; Marcelo Campos .

APRESENTANDO A PESQUISA

Esta pesquisa é parte de uma investigação mais abrangente sobre as histórias em quadrinhos poético-filosóficas no Brasil. Seu objetivo é apontar para possibilidades educativas que surgem quando se coloca este gênero de quadrinhos em relação com as áreas de educação, arte e comunicação.

O trabalho ora apresentado delimita-se na relação quadrinhos poético-filosóficos e a disciplina de filosofia, indagando: é possível filosofar lendo histórias em quadrinhos?

O objeto escolhido para a investigação é o livro de tiras

"Talvez isso..." , de Marcelo Campos (2007).

Marcelo Campos nasceu em Três Lagoas, MS, em 1965. Trabalhou na Editora Abril, inicialmente como assistente de arte e depois como editor de arte, e também na produção de animações e na adaptação de quadrinhos norte-americanos para o Brasil. Em 1989 tornou-se um dos primeiros brasileiros a publicar nos Estados Unidos. Em 1991 foi o primeiro brasileiro a ingressar na DC Comics.

Criou o personagem Quebra-Queixo que lhe trouxe várias premiações. Foi um dos

fundadores do estúdio-escola Fábrica de Quadrinhos, que deixou em 2002 para fundar a Quanta Academia de Artes, onde atualmente além de diretor atua também como professor.

"Talvez Isso..." é um trabalho de natureza autoral, que considero como sendo poético-filosófico. Nele o autor, numa série de tiras desenhadas em preto e branco, com traços estilizados, apresenta às vezes como denúncia, às vezes como ironia e outras ainda com um leve toque de humor, problemas candentes da existência humana: o medo, a dúvida, o envelhecer, as escolhas que a vida obriga a fazer, o questionamento sobre se estamos num universo que faz sentido, a mente humana, a religião, a liberdade, o condicionamento, a aparência, as diferenças entre as visões de mundo da cada pessoa etc. Ou seja, provoca a reflexão a partir de problemas concretos da existência humana.

Definir, com precisão, o que é filosofia não é tarefa fácil. Muitos filósofos escreveram tratados com o objetivo de explicitar a própria compreensão sobre o que seja o filosofar. Nem sempre as posições sobre o tema são convergentes. Concordo com o que sugere o filósofo da educação Dermeval Saviani (1983), para quem filosofar é refletir partindo de problemas desafiadores da realidade na qual vivemos, buscando caminhos de construção para possíveis respostas ou novas perguntas. Novas perguntas podem ser sempre iluminadoras de novos caminhos.

Obviamente não se faz filosofia a partir dos quadrinhos da mesma maneira que se faz na aca-

demia. Nela se faz filosofia mediante a elaboração de discursos que questionam e problematizam aspectos da condição humana, defendendo de maneira fundamentada princípios, posições, ações ou novos questionamentos (Palácios, 1997). Por meio dos quadrinhos a filosofia é construída com o recurso da arte, mediante uma combinação de dois diferentes códigos: a imagem e o texto escrito. É uma reflexão feita com ênfase no imagético. Trabalhar, pois, filosoficamente com imagens exige, assim como no modo clássico, profundidade de reflexão, mas exige também capacidade de leitura crítica de imagens.

Assim, é possível afirmar que a reflexão filosófica não acontece unicamente na academia e com suas formas de produção, expressão e comunicação. As histórias em quadrinhos, com sua força verbal e pictórica, podem ser uma forma de expressão filosófica, pois apresentam condições para provocar o espírito crítico, a imaginação e o pensar próprio, ainda que a argumentação, a defesa de uma ideia ou a proposição de um problema sejam feitas de maneira diferente daquela do discurso acadêmico.

Nas histórias em quadrinhos a força argumentativa está profundamente entranhada na narrativa imagético-textual e em seus vários movimentos (Groensteen, 2004; Eisner, 2001). Por certo isto exigirá do leitor outro tipo de leitura, diferente daquela na qual se apóia o discurso filosófico registrado apenas por escrito, mas igualmente rica da possibilidade de refletir, de analisar criticamente, de imaginar

e de escolher caminhos a partir daquilo mesmo que foi capaz de pensar (RAMA e VERGUEIRO, 2005; ANDRAUS, 2006).

Particularmente propícios para a reflexão filosófica são os quadrinhos poético-filosóficos (Magalhães, 2000, 2001a, 2001b; Franco, 1997; Guimarães, 2001 e Santos Neto, 2010), maneira pela qual ficaram conhecidos os trabalhos de alguns quadrinhistas brasileiros que em suas narrativas em quadrinhos colocaram ênfase nos aspectos poéticos e filosóficos, produzindo obras de natureza introspectiva, reflexiva e crítica. Lembro aqui que:

(...) é possível afirmar que histórias em quadrinhos poético-filosóficas são aquelas que apresentam, de maneira explícita em sua arte, a intenção de que seja feita uma reflexão poética, enquanto aberta criativamente ao contínuo movimento da vida, e filosófica, enquanto provocação a um pensar aprofundado sobre a condição humana. As histórias em quadrinhos poético-filosóficas tendem a ser apresentadas em histórias curtas que, muitas vezes, rompem com a linearidade convencional das narrativas em quadrinhos usando, portanto, de criativos recursos seja no traço do artista seja em novas propostas de utilização dos quadros.

São, portanto, três as características que principalmente definem uma história em quadrinhos poético-filosófica: 1. A intencionalidade poética e filosófica; 2. Histórias curtas que exigem

uma leitura diferente da convencional; 3. Inovação na linguagem quadrinhística em relação aos padrões de narrativas tradicionais nas histórias em quadrinhos¹. (SANTOS NETO, 2010, p. 42)

Por fim, é importante explicitar, quando penso nas histórias em quadrinhos em relação à educação, a concepção de educação que defendo.

Entendo o ser humano como complexo (Morin, 2000), isto é, além da racionalidade que o define há também uma série de outros aspectos, nem sempre considerados, mas que se constituem em sua inteireza, pois ele é ao mesmo tempo: racional e irracional, consciente e inconsciente, ser de ilusão e das comprovações científicas, de amor e de ódio, do ócio e do trabalho, do consumo e da economia, sapiens e demens, etc. Entendo-o também como um ser hilo-holotrópico (Grosz, 1987), isto é, simultaneamente endereçado ao mundo material e à totalidade da vida. Compreendo-o, ainda, como um ser inacabado, para quem a história não é algo definido a priori, mas sim uma realidade problemática, sujeita à intervenção dos vários grupos e indivíduos com interesses contrastantes e contraditórios, e preñe de muitas possibilidades (Freire, 1982, 2000).

Por isso defendo, com Freire (1982), uma educação problematizadora, que considere a realidade da origem cultural dos educandos, e possibilite-lhes oportunidades para conscientizar-

¹ O pesquisador Matheus Moura Silva (2013, p. 222) propõe uma quarta característica que é a seguinte: "Com isso defendo a inclusão de um quarto critério na definição do gênero de quadrinhos Poético-filosófico, além dos três propostos por Santos Neto (2010): (...) e 4) Exteriorização do EU individual do criador expressa na obra".

se de sua própria leitura de mundo etambém das leituras de mundo de grupos e outros indivíduos. É também uma educação dialogal, pois permite que a partir do encontro dialógico entre diferentes cada educando vá aprendendo a dizer sua palavra sobre o mundo, formando-se numa perspectiva holística de autor-cidadão (Barbosa, 1998, p. 7-13). Esta concepção defende também que os educandos sejam formados na perspectiva da cultura visual (Hernández, 2000) que permite-lhes ser não apenas consumidores passivos das imagens, mas alguém que as lê criticamente e as interpreta para integrá-las ao seu mundo e participar ativamente das transformações da sociedade.

"TALVEZ ISSO..." E A REFLEXÃO FILOSÓFICA

A partir da concepção de filosofia e filosofar que assumi é possível afirmar que a obra "Talvez isso..." oferece muitas oportunidades para a reflexão filosófica, ainda que nem sempre na modalidade estritamente acadêmica. Como justificativa desta afirmação escolhi algumas tiras de Marcelo Campos, independente umas das outras, que explicitam como o exercício da reflexão filosófica pode ser feito por meio delas.

As tiras escolhidas prestam-se, com bastante adequação, para discutir o problema do autoconhecimento ou o problema socrático do "conhece-te a ti mesmo". Dalle Nogare (1994, p. 33) nos lembra que:

Sócrates tornou-se um símbolo e um mito. Mas é também uma figura histórica, um homem em carne e osso,

um grego nascido e morto em Atenas. Verdade é que houve quem negasse a existência histórica de Sócrates reduzindo-o a uma criação literária ou a uma idealização de discípulos fanáticos. Mas estas acrobacias da crítica histórica não se sustentam historicamente. (...) Sócrates, com efeito, não deixou nada de escrito, mas aquilo que transmitiu à humanidade vale por mil bibliotecas.

Transmitiu antes de tudo o preceito do oráculo de Delfos: "Conhece-te a ti mesmo", pelo qual pode ser considerado o iniciador do humanismo ocidental, de que o "conhece-te a ti mesmo" se constituía sempre numa pilastra fundamental.

Embora a figura de Sócrates permaneça enigmática, é certo que o problema do "conhece-te a ti mesmo" por ele assumido e vivenciado tornou-se um desafio que atravessa a história da humanidade há séculos e permanece imensamente atual, mesmo considerando o ceticismo de algumas correntes pós-modernas. Algumas das tiras de Marcelo Campos sugerem sua percepção quanto à urgência do trabalho de conhecer-se em nossos dias.

A primeira tira escolhida (Figura 1) sugere um mendigo, ou monge, ou Sócrates, ou Deus, ou um iluminado - na verdade, quem é este ser não tem, para efeito desta reflexão, muita importância - que segura uma tabuleta onde está escrito, ainda que com outras letras, o mesmo desafio socrático: Descubram-se. O desenho sugere



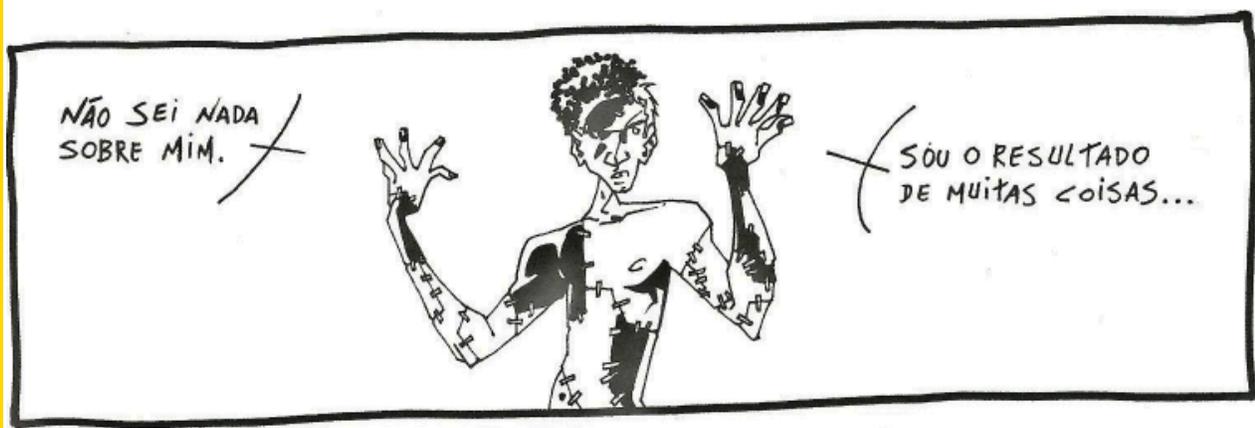
Figura 1 - Tira de Marcelo Campos
 Fonte: CAMPOS, Marcelo. Talvez
 Isso... Rio de Janeiro: Casa 21, 2007.

ainda que os transeuntes estejam passando ao largo, indiferentes. Seus corpos movimentam-se para lá e para cá, mas não param, não mudam a trajetória, não se impactam pela força da sugestão de descobrir-se: tirar o véu, desvelar, tirar a cobertura, tirar a roupa da moda ou da convenção social, "ficar nu", conhecer-se como se é ou se está sendo. A estereotipia do desenho possibilita entender que há executivos, senhoras, moças, homens maduros, jovens, roupas da moda. Por que não param? Por que o desafio "Descubram-se" não tem impacto entre eles? O que é tão mais importante do que este desafio? Será que o homem que porta o cartaz é um louco? Descobrir-se foi mais fácil no passado do que hoje ou esta é sempre uma tarefa difícil? Por quê? Estas perguntas possibilitam uma boa reflexão filosófica que

alimentada pela sociologia, pela psicologia, pela história e pela economia política entre outras, pode propiciar interessantes debates de natureza política, antropológica e existencial.

A figura 2 talvez ajude a explicar, até certo ponto, uma das dificuldades em mergulhar no trabalho de autoconhecimento. A figura é forte. Nela é possível pensar em um "jovem Frankenstein", todo costurado, que com uma expressão séria afirma: "Não sei nada sobre mim. Sou o resultado de muitas coisas...". De fato, ser o resultado de muitas coisas pode dificultar o processo de conhecer-se. Mas quais são estas muitas coisas às quais Campos se refere? Poderiam ser os determinantes familiares e sociais em geral? As características da espécie humana? As pulsões e desejos que habitam a subjetividade de

Figura 2 - Tira de Marcelo Campos
 Fonte: CAMPOS, Marcelo. Talvez
 Isso... Rio de Janeiro: Casa 21, 2007.



cada humano e humana? As influências culturais? Os determinantes de classe social? As características psicológicas do ser? O quanto este ser deixou-se influenciar por normas sociais, educacionais, agressões de pessoas dominadoras, imposições das religiões, amores, frustrações, dependências, realizações, transgressões e rebeldias? Tudo isso? E este conjunto de nós problemáticos podem ser sintetizados a fim de que o ser, embora inacabado, consiga expressar certa unidade entre tantos contrários? Ou o ser humano está destinado a ser, para sempre, um Frankenstein e a não saber nada sobre si mesmo? Novas perguntas que exigem reflexão e mergulho no ser que se é e que se está sendo.

A figura 3 pode ser interpretada, segundo minha visão, como um alerta ao perigo de não conhecer-se: ficar dependente de máscaras (em grego, *persona*), e considerar que viver de máscaras é "natural" e aceitável. Será mesmo? Posso trazer aqui a Psicologia Analítica para alimentar a reflexão filosófica. Jung admite um arquétipo ao qual chama de *Persona* (Sharp, 1993, p. 118-121).

Este arquétipo tem raízes no inconsciente coletivo e a função de proteger a interioridade do sujeito frente ao mundo exterior, à sociedade, aos julgamentos alheios, mas também a função de colocá-lo em adequação com as expectativas sociais. É uma máscara com a qual o sujeito apresenta-se diante da sociedade. Para este pesquisador da alma humana a máscara pode ter, pois um sentido específico e positivo, mas pode trazer complicações se o sujeito se identificar radicalmente com sua persona e negligenciar o processo de religação com seus muitos aspectos interiores, pois pensa que é algo que é apenas parte de si mesmo, assumindo-o como se fosse o todo. A tira da figura 3 sugere alguém que já se habituou a viver de máscaras. E isso também exige o desvelar, pois compreendo que não se pode confundir o proteger-se da vida coletiva com o esconder-se de si mesmo. Eu posso proteger meu mundo interior da invasão do coletivo, mas sem abrir mão da tarefa de conhecer-me. Esconder-se de si mesmo significa dizer que a máscara não só esconde o mundo interior do sujeito ao coletivo, mas também dele próprio. Isso é fugir do trabalho de autoconhecimento.

Figura 3 - Tira de Marcelo Campos
 Fonte: CAMPOS, Marcelo. Talvez Isso... Rio de Janeiro: Casa 21, 2007.



DIFERENÇAS ENTRE CASCA...



... E OVO.

Figura 4 - Tira de Marcelo Campos
 Fonte: CAMPOS, Marcelo. Talvez
 Isso... Rio de Janeiro: Casa 21, 2007.

Na sequência das imagens é possível compreender melhor isso. A figura 4 dá a entender um ser humano em dois momentos que Campos, metaforicamente, chamou de "casca" e "ovo". No momento casca - frágil superfície que protege o conteúdo interno - o ser é forte, vocifera, coloca o dedo em riste, tem seguranças para protegê-lo, é valente, sabe se impor. No momento ovo, sozinho no recolhimento da própria casa e debaixo dos lençóis, é um ser assustado e com medo. Medo de que? O problema não é ter medo. Ele é parte da condição humana.

O problema é viver a máscara da valentia e no recolhimento de si mesmo sentir medo de avançar na vida, de conhecer a si mesmo e de entregar-se às transformações existenciais necessárias.

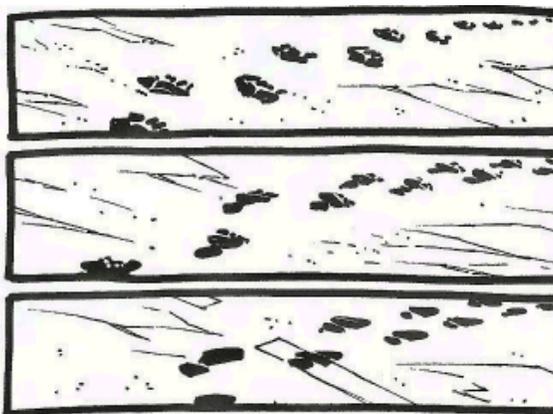
Por fim, a figura 5 apresenta uma tira de Campos onde ele sugere um caminho que, segundo minha leitura, poderia ajudar a humanidade, que progride, embora patinando sobre as próprias pegadas, a transformar-se e a avançar em outros sentidos. O texto que se compõe junto com o desenho é significativo: "Desde a lasca da pedra até a nanotecnologia... Evoluções, evoluções... Sempre olhando para fora. Onde queremos chegar? Inverta o olhar".

A que evoluções Campos se refere? Por certo não está falando de uma evolução interior, no sentido do autoconhecimento, pois que a tira possibilita entender que há uma crítica ao olhar da humanidade, sempre para fora de si mesma.

Figura 5 - Tira de Marcelo Campos
 Fonte: CAMPOS, Marcelo. Talvez
 Isso... Rio de Janeiro: Casa 21, 2007.

CAMINHAMOS SOBRE NOSSAS PRÓPRIAS PEGADAS. ELAS AVANÇAM E SE MODIFICAM PORQUE QUEREMOS DEIXAR NOSSAS PRÓPRIAS MARCAS NA HISTÓRIA. DESDE A LASCA DA PEDRA ATÉ A NANOTECNOLOGIA...

EVOLUÇÕES, EVOLUÇÕES...



SEMPRE OLHANDO PRA FORA. ONDE QUEREMOS CHEGAR?

INVERTA O OLHAR.



Possivelmente esteja sugerindo que nossa evolução científica e tecnológica, "da lasca da pedra à nanotecnologia", não teve igual correspondência no que diz respeito ao conhecimento de si mesmo e no respeito para com a vida e os viventes sobre o planeta. Stanislav Grof (1992, p. 249-250) explicita bem este sentimento:

Se temos os meios e o conhecimento tecnológico para alimentar a população do planeta, garantir a todos um padrão de vida razoável, combater a maioria das enfermidades, reorientar as indústrias para fontes de energia inesgotáveis e evitar a poluição, o que nos impede de dar esses passos positivos?

A resposta está no fato de todas as situações difíceis acima mencionadas serem sintomas de uma crise fundamental: os problemas que enfrentamos não são, em última análise, apenas¹ econômicos, políticos e tecnológicos. Eles são reflexos do estado emocional, moral e espiritual da humanidade contemporânea. Dentre os aspectos mais destruidores da psique humana, estão a agressão mal-intencionada e o consumismo insaciável. Trata-se de forças responsáveis pelo desperdício inimaginável da beligerância moderna. Elas também impedem uma divisão mais adequada dos recursos entre pessoas, classes e nações, bem como a reorientação para prioridades ecológicas essenciais à continuidade da vida neste

planeta. Esses elementos destruidores e autodestrutivos na atual condição humana são uma consequência direta da alienação da humanidade moderna tanto de si mesma como da vida e dos valores espirituais.

Mas, como fazer esta inversão do olhar? É algo simples? Quais as exigências para tanto? A reflexão filosófica pode auxiliar? E os processos educativos formais e não-formais? Que peso tem nisso as políticas sociais e políticas educacionais? A arte pode contribuir? Há como fazer um trabalho compondo contribuições da filosofia e da arte? Como filosofia, educação e processos comunicacionais podem ajudar em tal objetivo de superação da alienação de si mesmo? Se estas possibilidades forem efetivadas há garantias de que uma transformação ocorrerá? Ou permanecemos no campo da aposta, mesmo com a ajuda da filosofia e da ciência? Enfim, muitas perguntas, mas todas elas já no seio de uma reflexão que poderá sim ser de natureza filosófica.

ALINHAVOS FILOSÓFICOS, PEDAGÓGICOS E CURRICULARES

Pelo exemplo trabalhado no tópico anterior é possível perceber que a obra "Talvez isso..." presta-se à reflexão filosófica. É possível utilizar as tiras selecionadas como um suporte ao estudo de Sócrates, da História da Filosofia, da Antropologia Filosófica e até mesmo da Filosofia Contemporânea. Claro está que quando o ambiente de trabalho é a escola ou a academia isso exigirá, quase certamente, a

² Grifo nosso.

complementação de outros textos de natureza filosófica que ajudem a identificar correntes filosóficas e autores clássicos que já trabalharam os temas assumidos por Campos e, a partir daí, fazer novos aprofundamentos. Porém, se não for este o objetivo do leitor, também as tiras prestam-se para sua reflexão, mesmo que ele não faça ligações com os filósofos tradicionais ou com a história da filosofia, pois ainda assim pode fazer uma reflexão filosófica partindo de problemas concretos de sua contemporaneidade, problemas estes expressos pela imagética dos quadrinhos.

Do ponto de vista pedagógico, as tiras podem ser utilizadas em temáticas filosóficas nos últimos anos do ensino fundamental, no ensino médio e em cursos introdutórios de filosofia no ensino superior, bem como em outras disciplinas tais como a psicologia, a sociologia, a história, etc. Nestes casos, penso que deveriam ser acompanhadas de leituras complementares sejam do campo da filosofia, da educação ou outros. No caso concreto que exemplifiquei, podem ser trazidas as leituras clássicas sobre Sócrates, em fragmentos ou na sua totalidade dependendo dos destinatários do trabalho: "Defesa de Sócrates" (Platão, 1987); "Apologia de Sócrates" (Xenofonte, 1987). Ruy César do Espírito Santo, Doutor em Filosofia da Educação pela UNICAMP, tem uma série de livros publicados (1996, 2007) cuja temática é a do autoconhecimento e das transformações pelas quais os seres humanos em sua condição concreta passam em sua realidade existencial. Estes textos,

juntamente com as tiras, poderiam render excelente exercício filosófico e educacional.

Por fim, é importante que se diga da necessidade de gestores e professores se assumirem como curriculistas. Não são curriculistas apenas aqueles que pensam as propostas que contém o conjunto de disciplinas e de conteúdos a serem desenvolvidos pelas escolas de educação básica e também pelas instituições de ensino superior, as famosas grades curriculares. Os professores e os gestores são curriculistas porque constroem uma prática curricular no cotidiano dos vários níveis de ensino (Apple, 1999). Quanto maior consciência tiverem de suas responsabilidades na construção do currículo e, portanto, na qualidade da formação dos/as alunos/as com os quais convivem e os quais ajudam a educar, mais liberdade terão de ousar soluções novas para o cotidiano, libertando-se das amarras as quais muitas "propostas" curriculares terminam por impor. Assim, terá maior flexibilidade para, dentro das necessidades e objetivos propostos, trabalhar com diferentes linguagens, entre elas as histórias em quadrinhos, além de poder promover com maior eficácia o diálogo interdisciplinar no qual a filosofia, e também os quadrinhos, podem dar especial contribuição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação foi norteada pela seguinte pergunta: é possível filosofar lendo histórias em quadrinhos?

Para respondê-la busquei fundamentação teórica sobre o que

é o filosofar, o que são histórias em quadrinhos, o que são histórias em quadrinhos poético-filosóficas e também sobre a concepção de educação que defendo. A partir daí assumi a obra "Talvez isso...", de Marcelo Campos, como objeto de investigação. Tive cinco tiras, das setenta apresentadas na obra, para mostrar que é sim possível filosofar lendo histórias em quadrinhos.

Mediante aproximações filosóficas, pedagógicas e curriculares conclui-se, pois que os quadrinhos podem auxiliar a reflexão filosófica. No entanto, filosofar depende não apenas da obra frequentada, mas também da disposição do leitor em pensar, o que, convenhamos, sempre é algo exigente. Vale à pena? "Talvez isso..." pode ajudar a responder.

Cabe ainda lembrar que é necessário um trabalho formativo com professores que desejam trabalhar com quadrinhos e filosofia. Em tal processo formativo alguns temas necessitariam estar presentes para auxiliar a construção de uma prática adequada à formação do autor-cidadão: aspectos quadrinhísticos, aspectos pedagógicos, aspectos curriculares, aspectos filosóficos e prática educativa com quadrinhos. Este caminho seria uma boa alavancagem para este trabalho rico, porém ainda desafiador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRAUS, G. As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário. São Paulo: Universidade de São Paulo (Escola de Comunicações e Artes), 2006. Tese de doutorado.

APPLE, M. W. Conhecimento Oficial: A educação democrática

numa era conservadora. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BARBOSA, J. G. Educação para a formação de autores-cidadãos. In: BARBOSA, J. G. (Org.) Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: EdUFSCar, 1998, p. 7-13.

CAMPOS, M. Talvez isso... Rio de Janeiro: Casa 21, 2007.

DALLE NOGARE, P. Humanismos e Anti-humanismos: introdução à Antropologia Filosófica. 13ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

EISNER, W. Quadrinhos e Arte Sequencial. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ESPÍRITO SANTO, R. C. Pedagogia da Transgressão. Campinas: Papirus, 1996.

_____. Autoconhecimento na formação do educador. São Paulo: Ágora, 2007.

FRANCO, E. S. Panorama dos Quadrinhos subterrâneos no Brasil. In: CALAZANS, F. M. A. (Org.) As histórias em quadrinhos no Brasil: Teoria e Prática. São Paulo: Intercom/Unesp/Proex, 1997, p. 51-65.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 11ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. À sombra desta mangueira. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

GROENSTEEN, T. Histórias em quadrinhos: essa desconhecida arte popular. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

- GROF, S. Além do cérebro: Nascimento, Morte e Transcendência em Psicoterapia. São Paulo: McGraw-Hill, 1987.
- _____. Emergência Espiritual: crise e transformação espiritual. São Paulo: Cultrix, 1992.
- GUIMARÃES, E. Reflexões sobre quadrinhos poéticos. In: Revista Mandala, n. 13, junho de 2001, João Pessoa, Marca de Fantasia, p. 17-18.
- HERNÁNDEZ, F. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- MAGALHÃES, H. Poesia e Quadrinhos, In: Revista Mandala, n. 12, junho de 2000, João Pessoa: Marca de Fantasia, 17-18.
- _____. Quadrinhos poéticos: viagem obtusa aos meandros da alma, In: Revista Mandala, n. 13, junho de 2001a, João Pessoa: Marca de Fantasia, 19-20.
- _____. Transcendência e poética visual. In: ANDRAUS, G. Temário M. E. N.. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2001b, p. 7-8.
- MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo/Brasília: Cortez/UNESCO, 2000.
- PALÁCIOS, G.A. De como fazer filosofia sem ser grego, estar morto ou ser gênio. Goiânia: Editora da UFG, 1997.
- PLATÃO. Defesa de Sócrates. In: Sócrates. 4ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 3-27 (Coleção Os Pensadores)
- RAMA, A. e VERGUEIRO, W. (e outros) Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2005.
- SANTOS NETO, E. As histórias em quadrinhos poético-filosóficas no Brasil: Origem e estudo dos principais autores numa perspectiva das interfaces educação, arte e comunicação. São Paulo: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Instituto de Artes), 2010, 205 páginas. Relatório Final de Pesquisa de Pós-Doutoramento.
- SAVIANI, D. Educação: do senso-comum à consciência filosófica. 3ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1983.
- SHARP, D. Léxico Junguiano: Dicionário de termos e conceitos. São Paulo: Cultrix, 1993.
- SILVA, M. M. Processos criativos de histórias em quadrinhos poético-filosóficas: investigação teórica e produção poética. Goiânia: Universidade Federal da Paraíba (Faculdade de Artes Visuais), 2013. Dissertação de Mestrado.
- XENOFONTE. Apologia de Sócrates. In: Sócrates. 4ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 159-165 (Coleção Os Pensadores).